



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
SERGIPE



**PROFHISTÓRIA**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



# CADERNO DE BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

*MARIA ELIANE DANTAS DOS SANTOS*

Trabalho realizado com o apoio da Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)





## **Material de apoio à implementação de práticas pedagógicas antirracistas**

### **APRESENTAÇÃO:**

Este caderno formativo articula fundamentação teórica e proposições práticas para educadores/as comprometidos/as com a educação antirracista. Compreendendo que teoria e prática constituem unidade indissociável, o material apresenta conceitos fundamentais, problematizações críticas e caminhos metodológicos concretos para a construção de práticas pedagógicas que enfrentem o racismo estrutural e institucional no espaço escolar.

A estrutura organiza-se em dois movimentos complementares: cada seção apresenta fundamentos teóricos essenciais seguidos de proposições práticas detalhadas, com exemplos, sugestões de atividades e orientações metodológicas. Não se trata de prescrições a serem mecanicamente aplicadas, mas de repertório que deve ser criticamente apropriado e contextualmente situado em cada realidade escolar.

### **PREMISSA:**

A educação antirracista exige tanto rigor teórico quanto criatividade pedagógica. Os conceitos apresentados fundamentam as práticas; as práticas materializam os conceitos. Este caderno busca oferecer ambos, em diálogo permanente.



## **COMO UTILIZAR ESTE MATERIAL:**

- Leia os fundamentos teóricos antes de desenvolver as práticas propostas;
- Adapte as atividades à sua realidade, faixa etária e contexto escolar;
- Combine diferentes proposições para criar sequências didáticas;
- Registre suas experiências, desafios e aprendizados;
- Compartilhe práticas com outros/as educadores/as;
- Retorne aos conceitos sempre que necessário para aprofundar reflexões;

## **PARA QUEM É ESTE CADERNO?**

### **Este material foi elaborado para:**

- Professores/as da educação básica de todas as áreas do conhecimento
- Coordenadores/as pedagógicos/as
- Gestores/as escolares
- Formadores/as de professores/as
- Estudantes de licenciaturas
- Profissionais da educação comprometidos/as com práticas antirracistas

Independentemente da disciplina que você leciona ou da função que ocupa na escola, este caderno pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, combatam o racismo e afirmem identidades negras.



# 1. FUNDAMENTOS: O QUE É EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA?



## TEORIA

A educação antirracista é uma construção que emerge da experiência docente e do cotidiano escolar. É um tipo de educação elaborada a partir do fazer pedagógico, em diálogo crítico com as epistemologias negras, afirmando a prática docente como espaço legítimo de produção de conhecimento. Fundamenta-se no reconhecimento de que o racismo não se manifesta apenas em atos individuais, mas estrutura relações, institui hierarquias e determina condições de produção e validação de conhecimentos.

## CONCEITOS-CHAVE:

**Racismo Estrutural:** Racismo que estrutura relações sociais, econômicas e políticas, atravessando instituições e moldando subjetividades. No contexto educacional, manifesta-se em desigualdades sistemáticas, sub-representação de docentes negros/as, ausência de conteúdos curriculares afirmativos.

**Epistemicídio:** Processo de destruição, desqualificação e invisibilização de conhecimentos produzidos por grupos subalternizados. Opera na ausência de intelectuais negros/as nos currículos e na deslegitimação de saberes de matriz africana.

**Colonialidade do Saber:** Manutenção da hegemonia do pensamento eurocêntrico como única forma legítima de conhecer. Ditam-se padrões de beleza, conhecimento e existência que marginalizam outras epistemologias.

**Racismo Estético:** Valorização de padrões estéticos eurocêntricos e desvalorização de características fenotípicas de pessoas negras (cabelo, cor da pele, traços faciais).

**Escrevivência:** Conceito de Conceição Evaristo - narrativa que entrelaça o vivido individual e a memória coletiva da população negra.



## PRÁTICA

### DIAGNÓSTICO INICIAL: MAPEANDO O RACISMO NA ESCOLA

Antes de implementar práticas antirracistas, é fundamental realizar diagnóstico que evidencie como o racismo se manifesta concretamente na sua escola:

#### ATIVIDADE 1: Auditoria Visual

- Fotografe ou registre murais, cartazes, decorações da escola
- Analise: que corpos aparecem? Que narrativas visuais circulam?
- Conte: quantas imagens de pessoas negras vs não-negras?
- Em que contextos pessoas negras aparecem? (celebrações folclóricas? escravização?)
- Apresente esses dados à equipe pedagógica como evidência do racismo institucional

#### ATIVIDADE 2: Análise de Livros Didáticos

- Selecione 3 livros didáticos de diferentes disciplinas
- Identifique: quantos/as intelectuais, cientistas, artistas negros/as aparecem?
- Como pessoas negras são representadas? (subalternização? protagonismo?)
- Que ausências são notáveis?
- Elabore relatório para discussão coletiva

#### ATIVIDADE 3: Escuta Estudantil

- Organize roda de conversa: "Como você se sente representado/a nesta escola?"
- Perguntas norteadoras: Você se vê nas imagens da escola? Já vivenciou situações de racismo aqui?
- Registre falas (com consentimento) para fundamentar ações futuras
- Valide experiências sem julgamentos

**IMPORTANTE:** Este diagnóstico não é ação pontual, mas processo permanente de observação crítica. Retorne a ele periodicamente para avaliar transformações e identificar novas demandas.





## 2. EIXO TEMÁTICO: ESTÉTICA NEGRA E RACISMO ESTÉTICO

**Teoria:** O racismo estético opera através da desqualificação de características fenotípicas de pessoas negras e da imposição de padrões eurocêntricos como universais. O cabelo crespo, historicamente classificado como "cabelo ruim", constitui marcador racial violentamente desqualificado desde a escravização. A indústria cosmética desenvolveu produtos químicos agressivos para "domar" cabelos crespos, perpetuando a mensagem de que a textura natural seria problema a corrigir.

### QUESTÃO PROBLEMATIZADORA:

A "escolha" pelo alisamento não pode ser ingenuamente compreendida como liberdade individual. É preciso interrogar: em que condições essa "escolha" se produz? Quais violências simbólicas atravessam corpos negros desde a infância?

### PRÁTICA - SEQUÊNCIA DIDÁTICA: CORPO COMO TERRITÓRIO POLÍTICO

Duração: 4 a 6 semanas (adaptável), Público: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

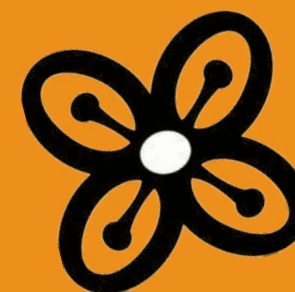
#### AULA 1: Problematização

Objetivos: Identificar padrões estéticos hegemônicos; questionar naturalização da branquitude

Materiais: Revistas, propagandas impressas ou digitais, data show

Desenvolvimento:

- 1. Dividir turma em grupos; distribuir revistas de moda, beleza, publicidade
- 2. Tarefa: recortar/fotografar 20 imagens de pessoas consideradas "bonitas" pelas revistas
- 3. Colar imagens em cartolina; analisar coletivamente:
  - - Que características físicas se repetem? Há diversidade de fenótipos? Pessoas negras aparecem? Em que contextos?
- 4. Problematização: "Quem define o que é belo? Por quê?"
- 5. Introduzir conceito de racismo estético (apresentação de 15 min)
- 6. Para casa: entrevistar familiares sobre experiências com cabelo/estética





## **AULA 2: História do**

### **Racismo Estético**

Objetivos: Compreender raízes históricas da desqualificação estética de corpos negros

Materiais: Textos adaptados, imagens históricas, vídeos curtos

Desenvolvimento:

- 1. Compartilhar entrevistas realizadas (voluntariamente)
- 2. Aula expositiva dialogada (30 min):
  - - Escravização e objetificação de corpos negros
  - - Pós-abolição: tentativas de "embranquecimento"
  - - Indústria cosmética e padronização
- 3. Exibir documentário curto sobre racismo estético (sugestão: trechos de "Kbela" ou "Cabelo Bom")
- 4. Roda de conversa: impactos emocionais do racismo estético
- 5. Para casa: pesquisar penteados tradicionais africanos



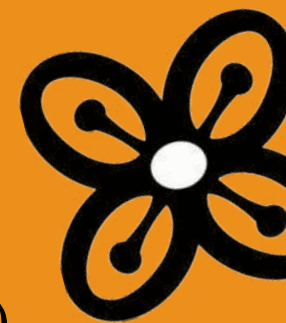
## **AULA 3: Ancestralidade e**

### **Resistência Estética**

Objetivos: Valorizar estéticas africanas e afro-brasileiras; construir repertório afirmativo

Desenvolvimento:

- 1. Socializar pesquisas sobre penteados africanos
- 2. Apresentação: significados culturais de penteados (tranças, turbantes, etc.)
- 3. Galeria de imagens: diversidade estética negra (arte, fotografia, moda afrocentrada)
- 4. Atividade prática: desenhar/colar imagens criando "painel da beleza negra"
- 5. Leitura coletiva de texto literário afro-brasileiro sobre corpo/identidade
- 6. Para casa: produzir texto (poesia, crônica, relato) sobre corpo e identidade





## AULAS 4-5: Intervenção no Espaço Escolar

Objetivos: Transformar espaço escolar; afirmar estética negra; protagonismo estudantil

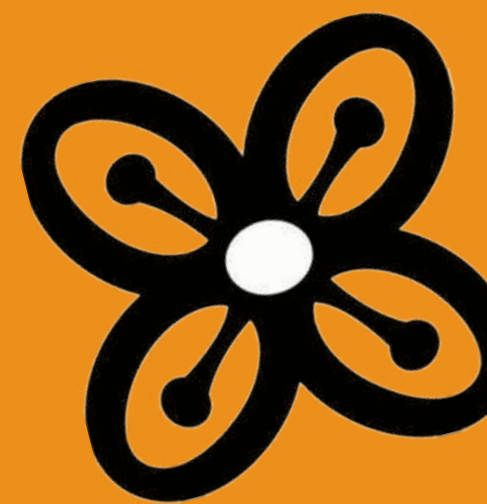
Desenvolvimento:

- 1. Planejamento coletivo: que intervenções fazer? Onde?
- 2. Opções de intervenção:
  - - Mural fotográfico "Beleza que nos representa"
  - - Pintura de frases afirmativas nas paredes (com autorização)
  - - Produção de fanzine sobre estética negra
  - - Varal de poesias sobre corpo e identidade
  - - Performance/apresentação artística
- 3. Execução das intervenções (pode envolver outras turmas)
- 4. Registro fotográfico/audiovisual do processo
- 5. Avaliação coletiva: que impactos percebemos?

### DICA PEDAGÓGICA:

**VARIAÇÕES:** Esta sequência pode ser adaptada para trabalhar especificamente cabelo, pele, traços faciais. Pode ser desenvolvida em projeto interdisciplinar (História, Artes, Língua Portuguesa, Sociologia).

O fundamental é articular problematização crítica, construção de repertório afirmativo e intervenção concreta no espaço escolar.





## POSSÍVEIS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO:

Resistência de colegas docentes

Manifestação: Comentários como "está impondo cabelos crespos", "cada um tem seu gosto"

**Estratégia:** Fundamentar ações na Lei 10.639/2003; apresentar dados sobre racismo estético; promover diálogos formativos

Naturalização do alisamento capilar

Manifestação: Não questionar por que tantas alunas e professoras alisavam o cabelo

**Estratégia:** Desmistificar a ideia de "gosto pessoal" revelando o processo histórico de desvalorização

Falta de apoio institucional

Manifestação: Investimento insatisfatório; ausência do tema no PPP

**Estratégia:** Persistência; busca de parcerias externas; uso criativo dos recursos disponíveis

### 3. EIXO TEMÁTICO: INTELECTUALIDADES NEGRAS

**Teoria:** A invisibilização de intelectuais negros/as nos currículos não resulta de ausência de produção, mas de epistemicídio estrutural. Quando intelectualidade é sempre branca nos materiais didáticos, transmite-se a mensagem de que pessoas negras não produzem conhecimento valioso. Mulheres negras enfrentam dupla invisibilização: epistemicídio de gênero articula-se ao racial.

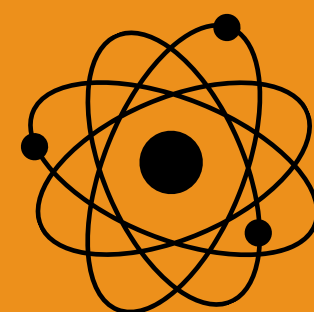


## Prática - Projeto : ENCICLÓPEDIA VIVA DE INTELLECTUAIS NEGROS/AS

Duração: Bimestre ou trimestre

ETAPA 1: Mapeamento de Ausências (1 semana)

- 1. Análise coletiva: listar intelectuais estudados/as até agora
- 2. Identificar áreas do conhecimento (ciências, filosofia, literatura, etc.)
- 3. Questionar: quantos/as são negros/as? Por que essa ausência?
- 4. Elaborar "mapa das ausências" para visualizar o epistemicídio



ETAPA 2: Pesquisa (2-3 semanas)

- 1. Dividir turma em grupos (3-4 estudantes): Cada grupo escolhe/recebe um/a intelectual negro/a para pesquisar
- 3. Roteiro de pesquisa:
  - - Biografia: onde nasceu, contexto histórico, trajetória
  - - Produção intelectual: principais obras, contribuições
  - - Obstáculos enfrentados: racismo, exclusão acadêmica
  - - Legado: como impactou sua área de conhecimento
- 4. Fontes: textos, entrevistas, vídeos, documentários
- 5. Produção de materiais: cartaz, vídeo, podcast, biografia ilustrada



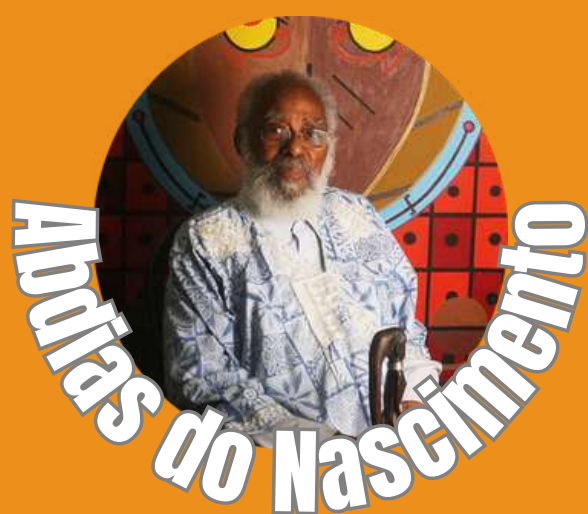
ETAPA 3: Socialização e Institucionalização (1-2 semanas)

- 1. Apresentações orais dos grupos (formato criativo)
- 2. Organizar exposição na escola com materiais produzidos
- 3. Criar "Enciclopédia Viva" (física ou digital) disponível para consulta
- 4. Propor nomes de intelectuais para batizar espaços escolares
- 5. Convidar comunidade para visita
- 6. Produzir material didático complementar para outras turmas



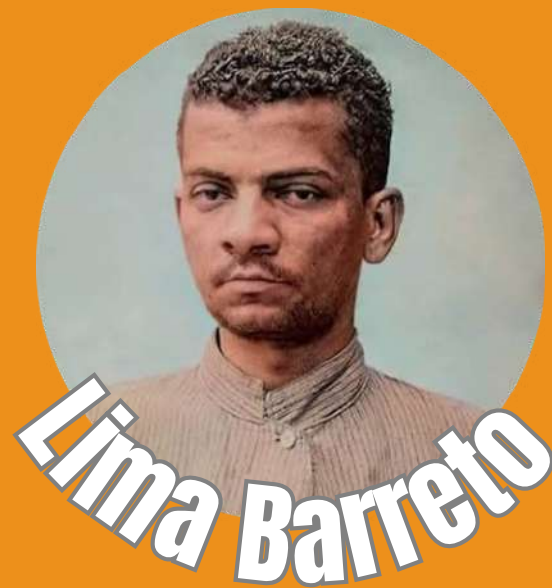
## • REPERTÓRIO

Sugestões de intelectuais:



## • REPERTÓRIO

Sugestões de intelectuais:





## POSSÍVEIS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

### Resistência religiosa

**Descrição:** Alguns diretores e pais, por questões religiosas, resistiam às atividades

**Enfrentamento:** Diálogo com secretaria; fundamentação na Lei 10.639/03; resiliência

### Perseguição

**Descrição:** Resistência de famílias e funcionários religiosos

**Enfrentamento:** Posicionamento pautado nas leis; apoio da gestão; documentação das ações





#### **4. EIXO TEMÁTICO: CINEMA NEGRO**

**Teoria:** O cinema negro constitui campo de disputa narrativa e afirmação identitária. Historicamente, o cinema reproduziu imagens desumanizadoras de pessoas negras. O cinema negro emerge como contranarrativa que afirma protagonismos, visibiliza histórias silenciadas, celebra estéticas e existências. A Lei 13.006/2014 tornou obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas, abrindo possibilidades para circulação de cinema negro.

#### **PRÁTICA -MOSTRA DE CINEMA NEGRO NA ESCOLA**

##### **PLANEJAMENTO:**

- Definir período (uma semana, um mês); Selecionar 3-5 filmes (curtas e/ou longas)
- Critérios de curadoria: direção negra, narrativas afirmativas, adequação etária
- Organizar cronograma de exibições; Preparar materiais de apoio (sinopses, fichas técnicas, questões para reflexão)
- Providenciar equipamentos (som, projeção, iluminação adequada); Divulgar para comunidade escolar

##### **METODOLOGIA DE TRABALHO COM CADA FILME:**

###### **ANTES:**

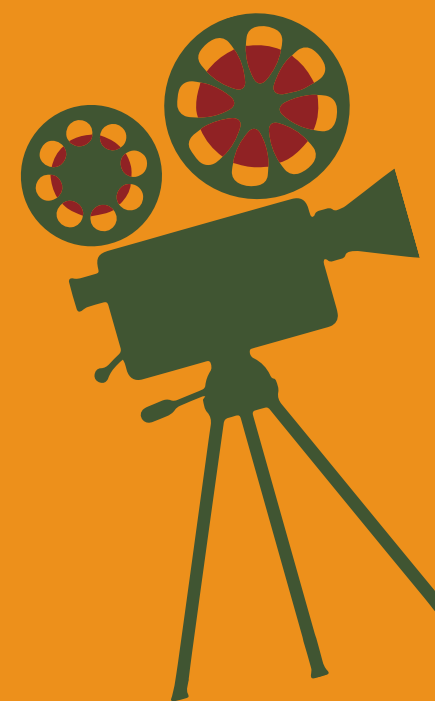
- Contextualizar: direção, ano, temática central
- Levantar expectativas: o que sabem sobre o tema?
- Propor questões para observar durante exibição

###### **DURANTE:**

- Garantir condições adequadas e atmosfera de respeito

###### **DEPOIS:**

- Roda de conversa: impressões, emoções, questões
- Problematização: que narrativas o filme apresenta? Como difere de representações hegemônicas?
- Atividade: resenha crítica, debate, produção artística inspirada no filme
- Articulação com conteúdos curriculares





## **CURADORIA:**

SUGESTÕES DE FILMES CURTAS: "Kbela" (Yasmin Thayná), "Cabelo Bom" (Murilo Pasta). LONGAS: Filmes nacionais contemporâneos de diretores/as negros/as disponíveis em plataformas. Busque também produções locais e regionais

## **MOSTRA DE CINEMA NEGRO NA ESCOLA**

A Mostra de Cinema Negro foi realizada em parceria com o Projeto Cineclubes Candeeiro/EGBÈ (Mostra de Cinema Negro de Sergipe), iniciativa que proporciona ao público o acesso à cinematografia nacional e sergipana.



## **Organização da mostra:**

- Seleção de filmes brasileiros e africanos
- Preparação prévia dos estudantes sobre os temas
- Exibição em ambiente escolar adequado
- Rodas de conversa pós-exibição
- Produção de resenhas ou reflexões escritas
- Atividades práticas relacionadas aos filmes



**Confira:** <https://egbecinemanegro.com.br/exibicoes-itinerantes-marcam-segundo-semester-da-egbe-mostra-de-cinema-negro/>



# Sugestões de Filmes

Curta metragem:

**CABELO BOM (2017)**

Direção: Swahili Vidal e  
Cláudia Alves



Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?  
v=rxl9\\_KftSQ4](https://www.youtube.com/watch?v=rxl9_KftSQ4)

# Sugestões de Filmes

Curta metragem:

**Kbela (2015)**

Direção: Yasmin Thayná



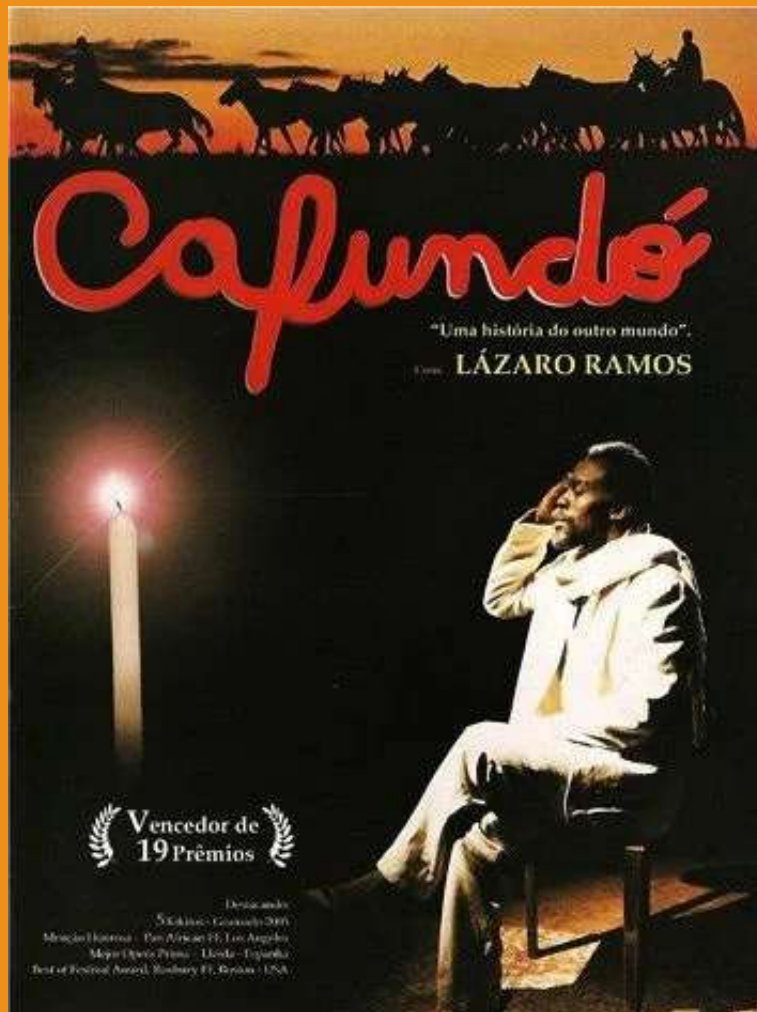
Disponível em:

[https://youtu.be/LGNln5v-3cE?  
si=Ho72Ls1O\\_bqEliRJ](https://youtu.be/LGNln5v-3cE?si=Ho72Ls1O_bqEliRJ)

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

## Cafundó (2005)



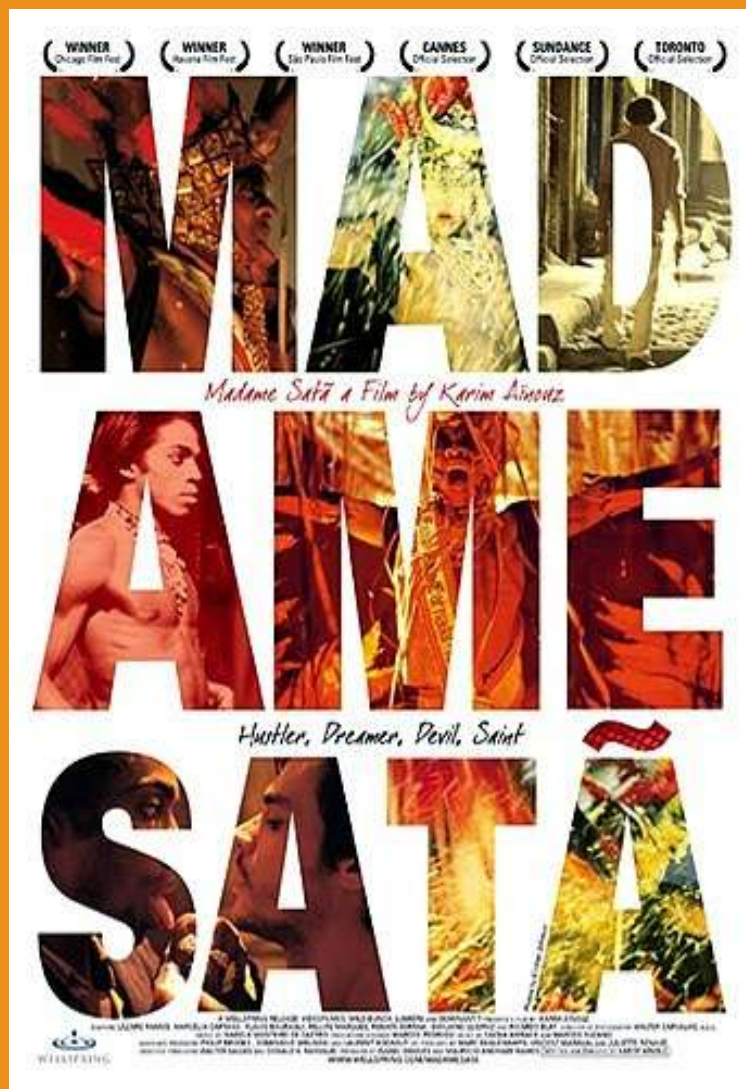
Disponível em:

<https://youtu.be/qftGo-pSd94>

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

## Madame Satã (2002)



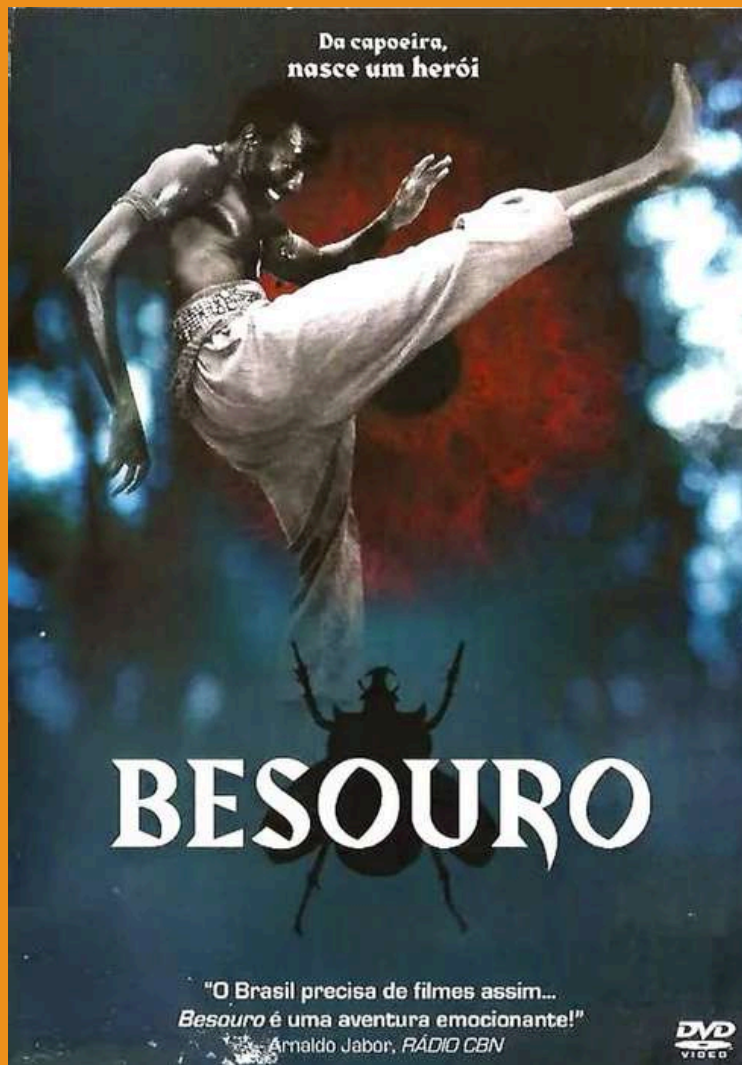
Disponível em:

<https://youtu.be/9ORx4ELg9gI>

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

**Besouro (2009)**



Disponível em:

<https://youtu.be/Y0gykyN7qb0>

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

## Invictus (2009)



Disponível em plataformas de Streaming:  
Nextflix, Hbo Max, Amazon Prime

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

## Pantera Negra (2018)

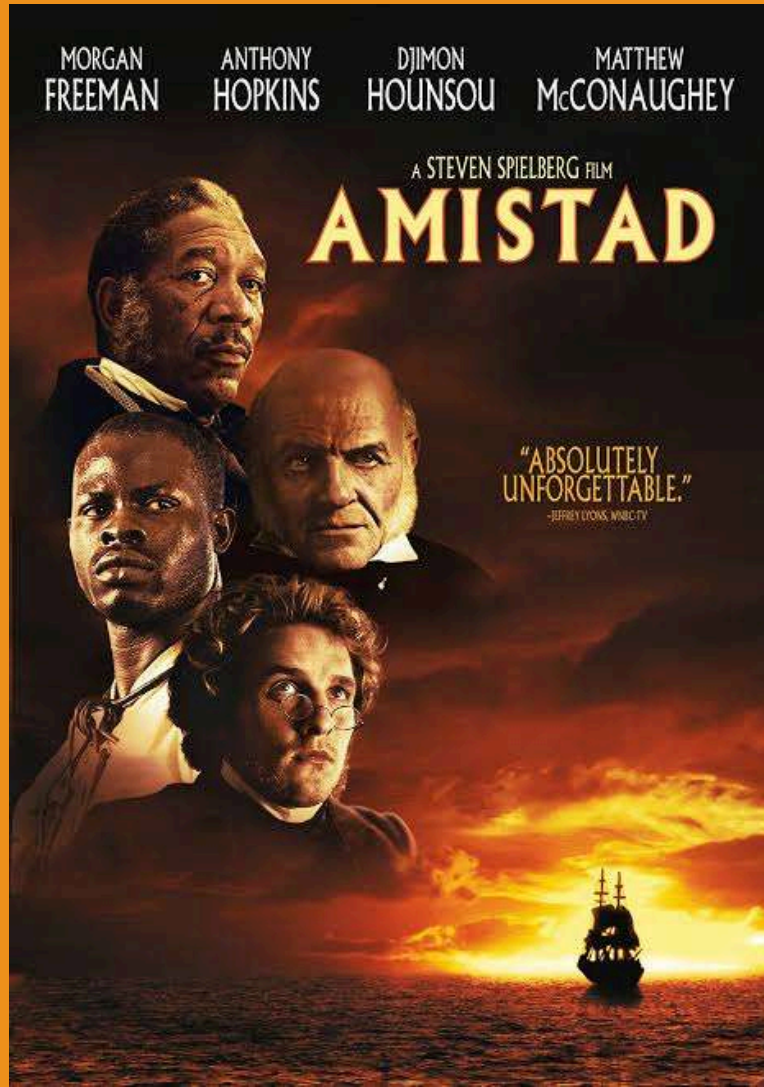


Disponível em Plataformas de Streaming:  
Disney Plus, Apple Tv

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

**Amistad (1997)**



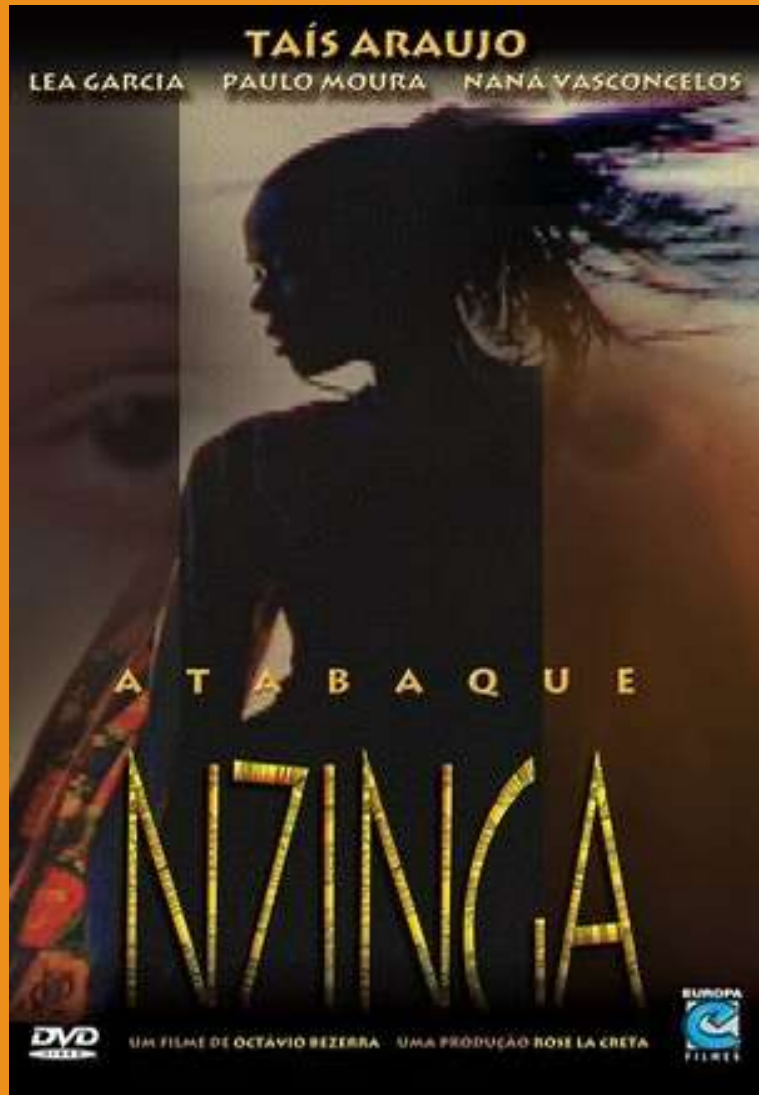
Disponível em:

<https://youtu.be/mEi1-SLrG0Q>

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

## Atabaque Nzinga (2006)



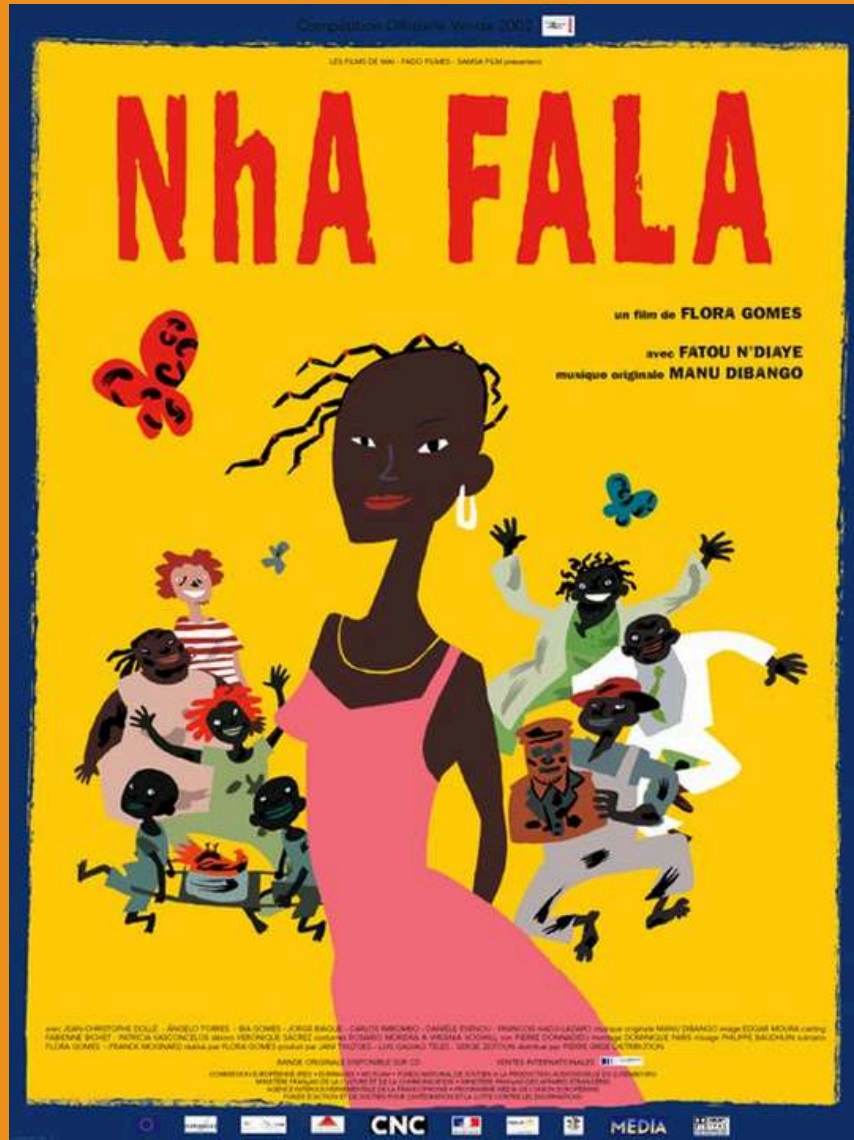
Disponível em:

[https://youtu.be/gllplhm-kPs?  
si=e5MN41WcNRvQqYTV](https://youtu.be/gllplhm-kPs?si=e5MN41WcNRvQqYTV)

# Sugestões de Filmes

Longas-metragens:

## Nha Fala



Disponível em:

<https://www.fullcineplus.com.br/nha-fala-2002-dvd-legendas-em-portugues/prod-8754611/>

# Sugestões de Filmes

Destacamos aqui a  
contribuição do Egbe no  
cenário nacional:



<https://egbecinemanegro.com.br>

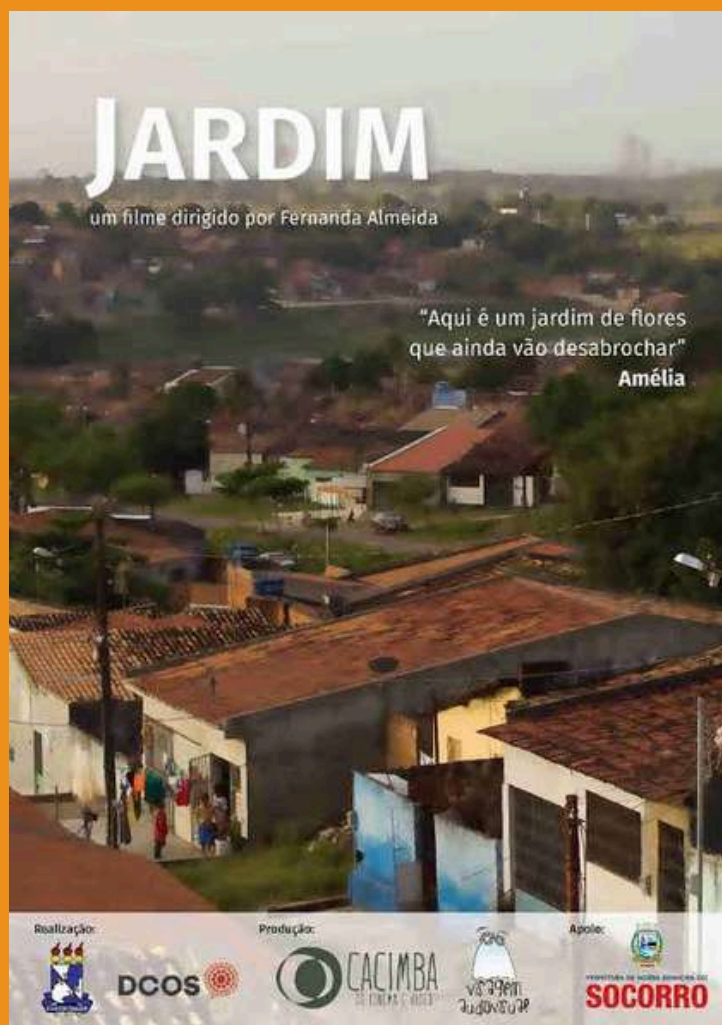
Evidenciamos a seguir sinopses  
sergipanas e de outros estados com  
perspectivas antirracistas, ampliando  
as possibilidades de formação crítica  
na educação básica.



# Sugestões de Filmes

**JARDIM**

**DIR. FERNANDA ALMEIDA(SE) - 22MIN (2018)**



## Sinopse

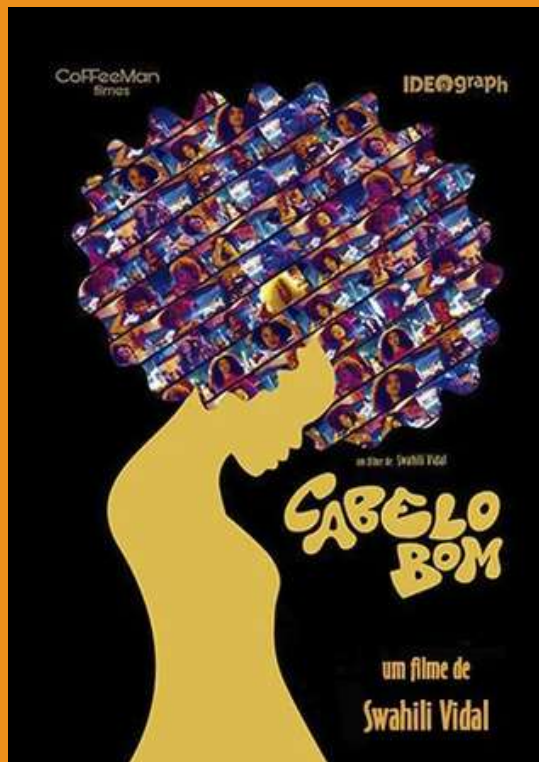
No Conjunto Jardim, comunidade periférica, localizada em Nossa Senhora do Socorro/Se, moradores vivem conflitos culturais e sociais, como religiosidade, violências, preconceitos.

**Fonte: EGBÉ**

# Sugestões de Filmes

CABELO BOM- DIR. SWAHILI VIDAL(RJ)

-15MIN (2018)



## Sinopse

Como as mulheres negras são pressionadas esteticamente para que se enquadrem em padrões pré-estabelecidos? O documentário de curta metragem “Cabelo bom” propõe fazer um recorte desse universo. O filme dá voz a três personagens que expõe a relação delas e seu cabelo crespo. Elas conseguem contar suas trajetórias de vida, histórias de preconceito e nos mostra como autoaceitação de suas raízes capilares, foi e é fundamental para se afirmarem como mulheres negras num país como o Brasil.

**Disponível em:**

[https://youtu.be/rxl9\\_KftSQ4](https://youtu.be/rxl9_KftSQ4)

# Sugestões de Filmes

**FILME: NADIR MUSSUCA- DIR.ALEXANDRA DUMAS(SE) - 26MIN (2018)**



## Sinopse

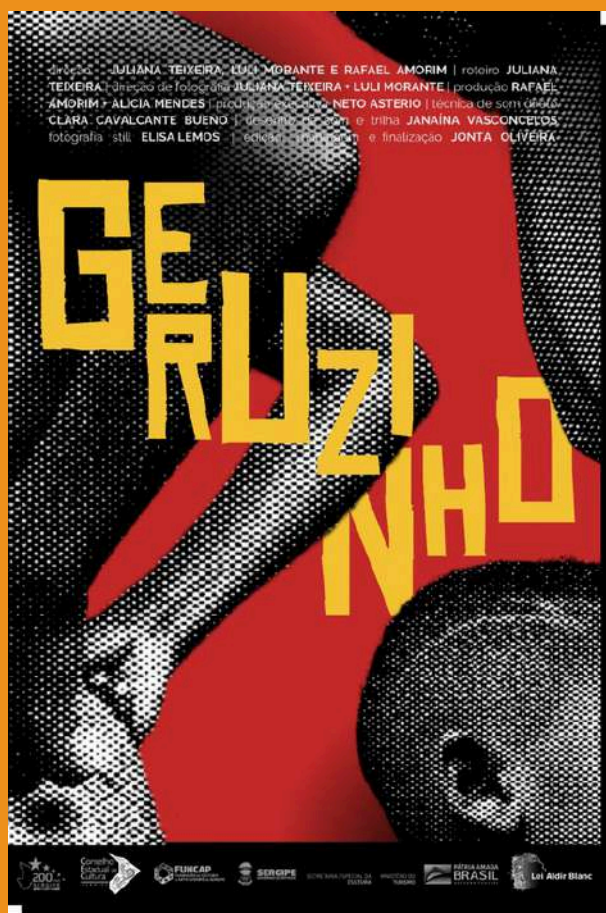
A cineasta Alexandra Dumas com seu filme Nadir da Mussuca (2015), traz a luz brilhantemente uma figura impar da cultura brasileira. Uma senhora que traz em si a resistência ancestral dos nossos antepassados negros. Filha do quilombo da Mussuca, Dona Maria Nadir é a resistência artística encarnada num corpo que emite música e movimento. Nome do Samba de Pareia e de Dança do São Gonçalo, Dona Nadir, nos conta um pouco de sua formação e da sua luta cotidiana para manter essas duas belas tradições ativas. A câmer nos guia pelas localidades da Mussuca, um território quilombola, localizado nos arredores da cidade de Laranjeiras-Se.

**Disponível em:**

**<https://youtu.be/eG-X3Cx77iw>**

# Sugestões de Filmes

**GERUZINHO-DIR. JULIANA TEIXEIRA, LULI  
MORANTE E RAFAEL AMORIM (SE) -  
17 MIN (2022)**



## Sinopse

Nas ladeiras do bairro Cirurgia, os irmãos Dingo Bala, Mestre Nenê, Niquimba e Nêgo Dadá construíram o Bloco Afro Descidão dos Quilombolas, uma história sobre a importância dos tambores na conexão do povo preto à sua ancestralidade.

**Disponível em:**

<https://cinemateca.org.br/filmes/geruzinho/>

# Sugestões de Filmes

**CAFÉ COM CANELA-DIR. GLENDA NICÁCIO, ARY ROSA (BA) - 1H42MIN. (2019)**



## Sinopse

Após perder o filho, Margarida vive isolada da sociedade. Ela se separa do marido Paulo e perde o contato com os amigos e pessoas próximas, até Violeta bater na sua porta. Trata-se uma ex aluna de Margarida, que assume a missão de devolver um pouco de luz àquela pessoa que havia sido importante para ela na juventude.

**Disponível em plataforma de streaming**

# Sugestões de Filmes

ÍMÃ DE GELADEIRA- DIR. CAROLEN MENESES E SIDJONATHAS ARAÚJO (SE) - 45MIN (2022)



## Sinopse

Depois de uma série de apagões no bairro, Joyce e Gigante, um casal de costureiros, perdem a sua geladeira. Eles saem em busca de um eletrodoméstico.

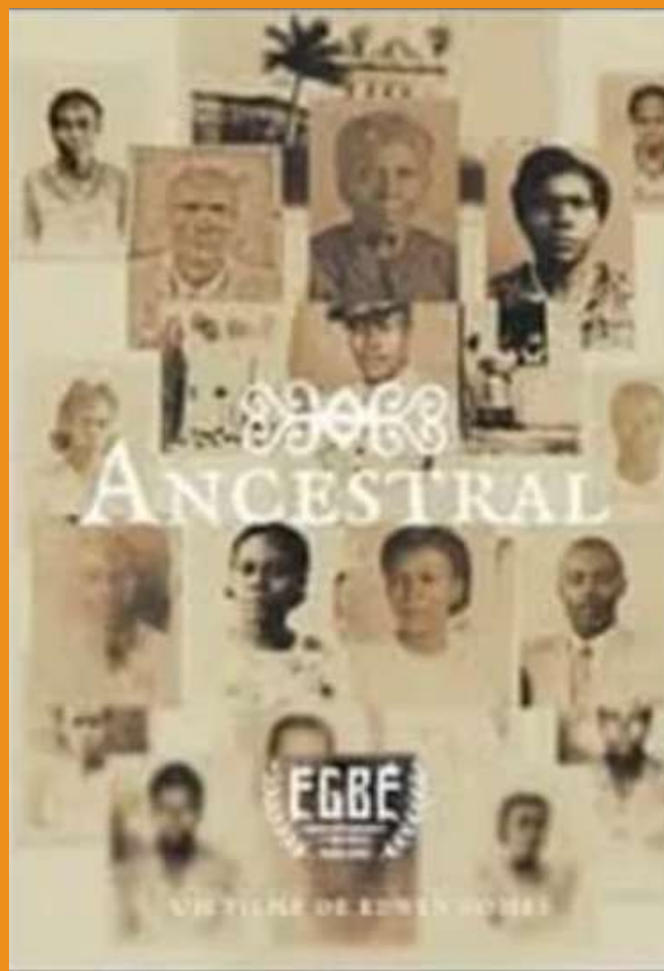
**Mais informações:**

<https://borboletasfilmes.com/ima-de-geladeira/>

# Sugestões de Filmes

ANCESTRAL

DIR. EDWYN GOMES (SE) - 45MIN (2022)



Divina Pastora foi o palco onde nossos ancestrais foram escravizados, mas também onde a liberdade foi finalmente conquistada. É a matriz onde foram recalculadas as rotas e onde se redefiniram destinos em busca de emancipação. Na Chegança de São Benedito, no trabalho nos antigos engenhos, na conquista de seus próprios sítios, na migração, mulheres e homens, negras e negros protagonizaram suas vidas. Retornamos lá com todos os cuidados necessários em busca de salvaguardar e documentar a nossa memória familiar da escravidão e do pós-abolição.

Fonte: EGBÉ

## 5. METODOLOGIAS ANTIRRACISTAS

### A Pedagogia do Círculo

**Fundamento teórico:** O círculo dialoga com valores civilizatórios afro-brasileiros, rompendo com hierarquia espacial tradicional e criando horizontalidade para diálogo e partilha.

#### Como fazer:

- Organize carteiras/cadeiras em círculo sempre que possível
- Inicie aulas em círculo com ritual de abertura (música, poesia, momento de partilha)
- Promova rodas de conversa como metodologia regular (não apenas para "desabafos")
- Valorize oralidade: incentive estudantes a falarem, contarem histórias
- Descentralize sua posição: circule, não fique sempre em um ponto
- Use o centro para compartilhar objetos, textos, materiais
- Finalize com ritual de fechamento que marque importância do encontro

### Escuta Sensível

**Fundamento teórico:** Educação antirracista exige escuta que vai além da audição, percebendo silenciamentos e dores não ditas. Estudantes negros/as frequentemente naturalizam violências racistas.

#### Como fazer:

- Crie espaços seguros onde estudantes sintam-se acolhidos/as
- Acolha sem julgamentos, valide experiências
- Observe: gestos, silêncios, desconfortos corporais
- Não pressione exposição de dores
- Transforme demandas coletivas em ações pedagógicas
- Documente falas (com consentimento) para memória e fundamentação



## **6. ENFRENTANDO RESISTÊNCIAS**

### **Resistências institucionais**

#### **Principais manifestações:**

- Falta de discussão da Lei 10.639/03 nas reuniões pedagógicas
- Ausência do tema no Projeto Político Pedagógico
- Investimento insuficiente da Secretaria de Educação; Falta de materiais didáticos qualidade; Ausência de formação continuada sobre relações étnico-raciais

#### **Estratégias de enfrentamento:**

- Fundamentação nas leis (10.639/03, 11.645/08)
- Apresentação formal de projetos à gestão
- Documentação de todas as ações
- Busca de parcerias externas
- Persistência e resiliência
- Diálogo permanente com a equipe pedagógica

### **Intolerância Religiosa**

O problema: Religiões de matriz africana sofrem perseguição, desqualificação e demonização. Práticas cristãs são naturalizadas enquanto cultura afro-brasileira é associada a "macumba".

#### **Estratégias:**

- Fundamente ações no princípio constitucional da laicidade
- Aborde religiões de matriz africana como sistemas filosóficos e epistêmicos legítimos
- Desmistifique termos pejorativos com abordagem histórica e científica
- Problematize imposição de práticas cristãs (orações obrigatórias, símbolos religiosos)
- Construa diálogo respeitoso com famílias, esclarecendo objetivos pedagógicos
- Busque apoio da gestão e coordenação
- Documente casos de intolerância para responsabilização institucional



## 6. ENFRENTANDO RESISTÊNCIAS

### Falta de Formação Docente

O problema: Ausência de formação inicial e continuada sobre relações étnico-raciais. Docentes sentem-se inseguros/as e reproduzem abordagens superficiais.

### Caminhos:

- Autoformação: leituras, cursos online, grupos de estudo
- Formação coletiva na escola: criar grupo de estudo sobre educação antirracista
- Buscar parcerias: universidades, movimentos sociais, coletivos negros
- Participar de eventos sobre a temática
- Compartilhar práticas com outros/as educadores/as
- Reivindicar formações institucionais junto a secretarias





## 7. PARCEIRAS EXTERNAS: AMPLIANDO HORIZONTES

**Teoria:** A educação antirracista não se constrói isoladamente dentro dos muros escolares. A parceria com organizações, coletivos negros, movimentos sociais, artistas, intelectuais e outros agentes externos à escola constitui estratégia fundamental para fortalecer práticas pedagógicas, ampliar repertórios, trazer outras vozes e experiências, e conectar escola e comunidade em redes de apoio mútuo. Nilma Lino Gomes conceitua o movimento negro como "movimento educador", evidenciando que a luta antirracista historicamente produziu pedagogias, saberes e práticas formativas que transcendem os espaços formais de educação. Organizações negras, coletivos culturais, grupos religiosos de matriz africana, pontos de cultura afro, núcleos de pesquisa universitários, artistas e produtores/as culturais constituem redes vivas de conhecimento que podem dialogar potentemente com a escola.

Essas parcerias não representam "terceirização" da responsabilidade docente ou institucional com a educação antirracista. Antes, configuram-se como ampliação de possibilidades: profissionais externos trazem expertises específicas, vivências territorializadas, linguagens artísticas, saberes técnicos que complementam o trabalho pedagógico. A escola permanece como espaço de mediação, articulação e sistematização dessas contribuições.





## **7. PARCEIRAS EXTERNAS: AMPLIANDO HORIZONTES**

### **PRINCÍPIO FUNDAMENTAL:**

Parcerias efetivas exigem horizontalidade, respeito mútuo e reconhecimento de saberes. Não se trata de convidar parceiros/as apenas para "palestras" pontuais desarticuladas do projeto pedagógico, mas de construir colaborações orgânicas que se integrem ao currículo e aos processos formativos em curso.

### **POR QUE ESTABELEECER PARCERIAS?**

- Acesso a saberes e práticas não disponíveis na escola (oficinas culturais, técnicas artísticas, conhecimentos territorializados)
- Fortalecimento de vínculos entre escola e comunidade
- Diversificação de referências: estudantes acessam outras trajetórias, experiências, narrativas
- Legitimação e valorização de práticas antirracistas: apoio externo fortalece politicamente as ações desenvolvidas
- Compartilhamento de responsabilidades e enfrentamento coletivo de resistências
- Atualização de repertórios: movimentos sociais e coletivos culturais estão em diálogo permanente com debates contemporâneos
- Sustentabilidade: redes de apoio contribuem para continuidade de práticas mesmo diante de mudanças institucionais

### **PRÁTICA - COMO CONSTRUIR PARCERIAS EFETIVAS**



## PASSO 1: Mapeamento de Potenciais Parceiros/as

Antes de estabelecer parcerias, é necessário mapear que organizações, coletivos e agentes atuam no seu território ou região:

### O que mapear?

- Movimentos sociais negros (locais, estaduais, nacionais)
- Coletivos culturais afro (grupos de dança, música, teatro, audiovisual)
- Pontos de cultura e centros culturais afro-brasileiros
- Casas de cultura e terreiros de religiões de matriz africana
- Grupos de capoeira, jongo, samba, maracatu
- Coletivos de mulheres negras
- Núcleos de estudos afro-brasileiros em universidades
- Artistas, artesãos/ãs,icineiros/as negros/as
- Bibliotecas comunitárias, livrarias e sebos especializados; Produtores/as audiovisuais, fotógrafos/as, documentaristas
- Profissionais especializados/as (trancistas, turbanteiras, maquiadores/as)
- Escritores/as, poetas, contadores/as de histórias; Pesquisadores/as, mestrandos/as, doutorandos/as

### Como mapear:

- Pesquisa em redes sociais (Instagram, Facebook são ferramentas úteis)
- Conversa com estudantes: muitos/as têm vínculos familiares ou comunitários com esses espaços; Diálogo com colegas de outras escolas que já desenvolvem práticas antirracistas
- Contato com secretarias de cultura, conselhos de cultura
- Busca em editais públicos de fomento cultural (mapeiam coletivos contemplados)
- Participação em eventos culturais afro-brasileiros na região



**DICA PRÁTICA:** Crie um "banco de parceiros/as" com: nome do coletivo/organização, contato, área de atuação, tipo de contribuição possível. Atualize permanentemente esse banco.

## **PASSO 2: Primeiros Contatos e Construção da Parceria**

### **Preparação:**

- Apresente-se: quem você é, em que escola trabalha, que práticas já desenvolve
- Explique seu projeto/proposta: objetivos, público, período
- Seja claro/a sobre expectativas: que tipo de colaboração imagina?
- Pergunte sobre possibilidades, disponibilidade, condições
- Dialogue sobre valores e princípios: alinhe perspectivas

### **Questões importantes a dialogar:**

- Há possibilidade de remuneração/cachê? (Muitos editais escolares permitem)
- Se não houver recurso financeiro: que outras contrapartidas a escola pode oferecer? (divulgação, espaço para atividades futuras, certificação)
- Como será a dinâmica: oficina única? Sequência de encontros? Assessoria permanente?
- Que materiais/equipamentos serão necessários? Quem providencia?
- Haverá registro (foto, vídeo)? Como será utilizado?
- Cronograma e prazos

### **ÉTICA NAS PARCERIAS:**

Valorize o trabalho de parceiros/as. Se não houver como remunerar, seja transparente sobre isso desde o início e negocie outras formas de reconhecimento. Saberes e expertises de profissionais negros/as merecem remuneração justa.



### **PASSO 3: Preparação Pedagógica da Parceria**

Parcerias não podem ser "eventos soltos". Devem integrar-se organicamente ao projeto pedagógico:

#### **Antes da atividade com parceiro/a:**

- Contextualize com estudantes: quem vem, que trabalho desenvolve, por que convidamos
- Trabalhe conteúdos prévios relacionados à atividade
- Prepare perguntas, questões, curiosidades
- Defina combinados de convivência e respeito
- Organize o espaço adequadamente

#### **Durante a atividade:**

- Apresente formalmente o/a parceiro/a
- Medie quando necessário, mas permita autonomia
- Observe interações, engajamento, aprendizados
- Registre (com autorização) para memória e sistematização

#### **Depois da atividade:**

- Roda de conversa: o que aprendemos? Que experiências marcaram?
- Atividade de sistematização: produção textual, artística, registro reflexivo
- Articulação com conteúdos curriculares: como conectar com o que estamos estudando?
- Agradecimento formal ao/à parceiro/a (carta, vídeo, certificado)
- Avaliação: o que funcionou? O que pode melhorar em futuras parcerias?



## **PASSO 4: Manutenção e Fortalecimento de Parcerias**

Parcerias podem ser pontuais ou duradouras. Cultivar relações de longo prazo fortalece ambas as partes:

- Mantenha contato mesmo fora de projetos específicos
- Divulgue trabalhos e ações dos/as parceiros/as em suas redes
- Convide para eventos escolares, exposições, apresentações
- Compartilhe resultados das atividades desenvolvidas
- Construa reciprocidade: como a escola pode apoiar os coletivos?
- Articule parcerias entre diferentes escolas e organizações
- Documente e sistematize as experiências de parceria para compartilhar com outros/as educadores/as

Exemplos de Possíveis Parcerias -

A seguir, exemplos de tipos de parcerias e como podem contribuir com práticas antirracistas:

### **1. OFICINAS CULTURAIS**

Parceiros/as possíveis: Grupos de capoeira, dança afro, percussão, teatro negro, artesanato, fotografia

#### **Contribuições:**

- Oficinas práticas que valorizam corporeidade, oralidade, ancestralidade
- Ensino de técnicas artísticas específicas
- Apresentações que celebram cultura afro-brasileira
- Processos criativos que fortalecem autoestima e identidade



## **PASSO 4: Manutenção e Fortalecimento de Parcerias**

### **Exemplos de Possíveis Parcerias**

#### **2. TRANCISTAS, TURBANTEIRAS, PROFISSIONAIS DA ESTÉTICA AFRO**

Contribuições:

- Oficinas de amarração de turbantes e significados culturais
- Workshops sobre cuidados com cabelos crespos e cacheados
- Apresentação de técnicas de tranças africanas
- Discussão sobre profissionalização e empreendedorismo negro na área da beleza
- Fortalecimento de processos de aceitação e valorização estética

#### **3. PESQUISADORES/AS E NÚCLEOS UNIVERSITÁRIOS**

Contribuições:

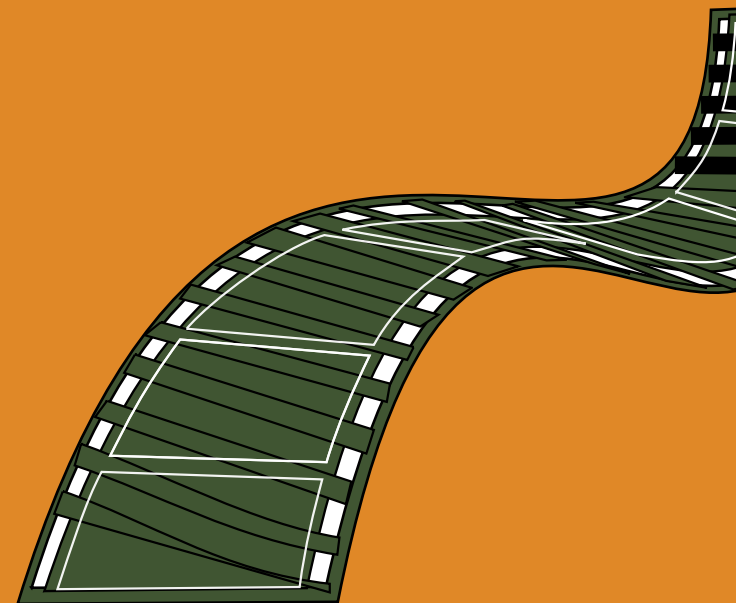
- Palestras, seminários, rodas de conversa sobre temas específicos
- Assessoria na elaboração de projetos pedagógicos
- Indicação de bibliografias, materiais didáticos, recursos
- Formação docente
- Desenvolvimento de pesquisas colaborativas (escola-universidade)
- Orientação de projetos estudantis de iniciação científica



#### 4. COLETIVOS AUDIOVISUAIS E CINECLUBES

Contribuições:

- Curadoria de mostras de cinema negro
- Mediação de debates pós-exibição
- Oficinas de produção audiovisual
- Empréstimo de equipamentos e acervos
- Formação em linguagem cinematográfica
- Apoio técnico para produções estudantis



#### 5. ESCRITORES/AS, POETAS, CONTADORES/AS DE HISTÓRIAS

Contribuições:

- Saraus literários, slams, rodas de poesia
- Contação de histórias afro-brasileiras e africanas
- Oficinas de escrita criativa
- Lançamento de livros na escola
- Mediação de leituras
- Inspiração para produções literárias estudantis

#### **IMPORTANTE:**

Estas são apenas sugestões. As possibilidades são infinitas e dependem dos recursos, agentes e contextos de cada território. O fundamental é compreender que parcerias ampliam significativamente as possibilidades pedagógicas e fortalecem a escola como espaço de educação antirracista conectado com seu entorno.



## DESAFIOS E CUIDADOS NAS PARCERIAS

### **Desafio 1: Ausência de recursos financeiros**

Muitas escolas não dispõem de verba para remunerar parceiros/as. Seja transparente, negocie outras contrapartidas, busque editais públicos de fomento cultural, articule apoio de secretarias de educação e cultura.

### **Desafio 2: Resistências institucionais**

Algumas gestões podem resistir à entrada de agentes externos. Formalize convites, apresente projetos por escrito, envolva coordenação pedagógica, demonstre alinhamento com legislação educacional (Lei 10.639/03).

### **Desafio 3: Descontinuidade**

Parcerias pontuais não sustentam transformações estruturais. Busque construir relações duradouras, institucionalize parcerias no PPP, documente experiências para que sobrevivam a mudanças de gestão.





## 8. IDENTIDADE DOCENTE NEGRA E CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

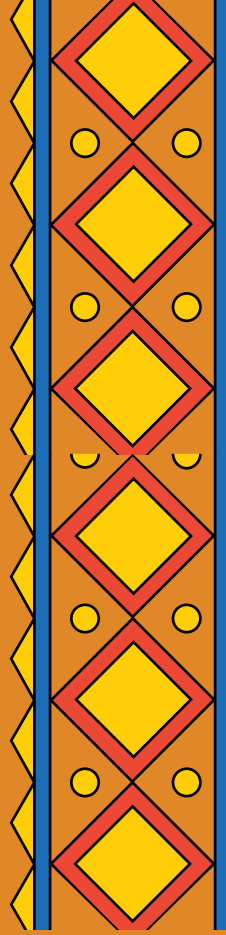
**Teoria:** A identidade docente negra constitui dimensão fundamental para compreensão das práticas pedagógicas antirracistas. Ser professora ou professor negro/a no Brasil não é experiência neutra: articula-se a processos históricos de exclusão, resistência e afirmação que atravessam tanto a constituição subjetiva quanto o exercício profissional da docência.

Nilma Lino Gomes, em "Professoras Negras: Identidade e Memória", demonstra como o racismo escolar interfere na construção da identidade racial de professoras negras e em suas práticas pedagógicas. Ser mulher negra e professora em país estruturado pelo racismo implica redimensionamento desses papéis, desmontando estereótipos e estigmas historicamente construídos. Requer ver-se como negra e profissional, reconhecer-se como sujeito político que possui papel fundamental na desconstrução do racismo presente no ambiente escolar.

### CONCEITO-CHAVE:

"Ser mulher negra e professora em um país como o Brasil implica um redimensionamento desses dois papéis, desmontando todos os estereótipos e estigmas historicamente criados. Requer ver-se como negra e profissional. E ver-se como negra envolve reconhecer-se como sujeito negro, possuindo um papel político na construção de uma prática pedagógica que desvele o racismo presente no ambiente escolar e aponte alternativas de mudança." (Nilma Lino Gomes)





Kabengele Munanga, em "Negritude: usos e sentidos", evidencia que a recuperação da identidade negra começa pela aceitação dos atributos físicos da negritude antes de atingir os atributos culturais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. Essa compreensão é fundamental para docentes negros/as: a aceitação e afirmação do próprio corpo negro não é questão meramente estética ou individual, mas ato político de resistência ao racismo que historicamente desumanizou e desqualificou corpos negros.

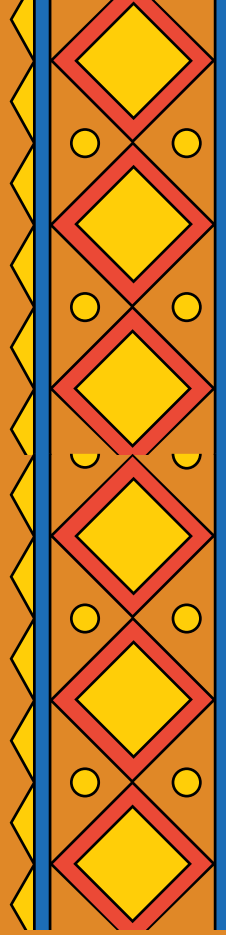
Para docentes negros/as, essa dimensão corporal e identitária atravessa o exercício profissional de múltiplas formas: na relação com estudantes (especialmente negros que encontram referência e espelho), nas interações com colegas (frequentemente marcadas por microagressões, questionamentos de competência, solidão), na escolha de conteúdos e metodologias (que podem articular-se com experiências vividas), nos enfrentamentos cotidianos ao racismo institucional.



## **TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E CONSCIÊNCIA RACIAL**

A consciência racial não é dada naturalmente pelo fato de ser negro/a. Constitui-se processualmente, através de experiências, leituras, encontros, enfrentamentos. Neusa Santos Souza, em "Tornar-se Negro", analisa as vicissitudes da construção identitária de pessoas negras em sociedade racista, evidenciando que "tornar-se negro" implica tomada de consciência política das implicações ideológicas do estigma racial.





**Para muitos/as docentes negros/as, a graduação em licenciaturas não ofereceu formação sobre relações étnico-raciais. O despertar para essas questões frequentemente ocorre:**

- No exercício da docência, através do encontro com estudantes negros/as e suas demandas
- Em experiências de racismo vivenciadas no ambiente escolar (como docente ou testemunha)
- No acesso a epistemologias negras através de leituras, cursos, formações autodirigidas
- Na participação em movimentos sociais negros, coletivos culturais, grupos de estudo
- Em processos de transição capilar e afirmação estética que desencadeiam reflexões identitárias
- No contato com outros/as docentes negros/as que já desenvolvem práticas antirracistas



### **TRAJETÓRIA COMUM:**

Muitos/as docentes negros/as relatam que suas práticas pedagógicas antirracistas não emergiram de leituras prévias ou formações acadêmicas, mas do cotidiano escolar, da escuta aos estudantes, da necessidade urgente de enfrentar violências racistas. A teoria veio depois, para fundamentar, nomear, sistematizar práticas que já vinham sendo construídas.

### **DESAFIOS ESPECÍFICOS DA DOCÊNCIA NEGRA**

Docentes negros/as enfrentam desafios específicos que atravessam o exercício profissional:



## **1. Solidão Institucional:**

Sub-representação de docentes negros/as, especialmente em posições de gestão. Ausência de pares com quem compartilhar experiências racializadas. Sensação de isolamento ao desenvolver práticas antirracistas sem apoio institucional.

## **2. Responsabilização Exclusiva**

Delegação da implementação da Lei 10.639/03 exclusivamente a docentes negros/as, enquanto colegas brancos/as alegam "não dominar o assunto". Sobrecarga emocional e profissional de assumir sozinhos/as essa responsabilidade que deveria ser coletiva.

## **3. Questionamento de Autoridade e Competência**

Estudantes, famílias ou colegas questionam conhecimento ou legitimidade de docentes negros/as com frequência maior do que questionam docentes brancos/as. Necessidade constante de provar competência profissional.

## **4. Microagressões Cotidianas**

Comentários "sutis" sobre cabelo, aparência, modo de falar. Surpresa quando demonstram conhecimento ou ocupam posições de destaque. Expectativa de que sejam "mais tolerantes" com racismo ou que "ensinem sobre racismo" gratuitamente.

## **5. Intolerância Religiosa**

Docentes praticantes de religiões de matriz africana enfrentam estigmatização, desqualificação de suas práticas pedagógicas e associação de conteúdos sobre cultura afro-brasileira com proselitismo religioso.

## **6. Desgaste Emocional**

Enfrentar racismo cotidianamente produz desgaste psíquico significativo. Necessidade de equilibrar cuidado de si com compromisso político e pedagógico.



## PRÁTICA - CAMINHOS PARA DOCENTES NEGROS/AS

### 1. PROCESSOS DE AUTOCONHECIMENTO E FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO

Fortalecer a própria identidade racial é processo contínuo e político.

Algumas práticas que podem contribuir:

- Leitura de autores/as negros/as: epistemologias negras, literatura afro-brasileira, biografias de intelectuais negros/as
- Participação em grupos de estudo sobre relações étnico-raciais
- Envolvimento com movimentos sociais negros, coletivos culturais afro
- Processos de afirmação estética: transição capilar, uso de turbantes, roupas afrocentradas
- Conexão com ancestralidade: pesquisa genealógica, visita a territórios quilombolas, terreiros, pontos de cultura
- Escrita de si: diários, narrativas autobiográficas, escrevivências
- Terapia com profissionais que compreendam questões raciais
- Redes de apoio: cultivar amizades e parcerias com outros/as docentes negros/as



### IMPORTANTE:

O fortalecimento identitário não é vaidade ou narcisismo. É necessidade política para sustentar resistência cotidiana ao racismo e para oferecer aos estudantes negros/as referência de afirmação e orgulho.



## 2. CONSTRUINDO REDES DE APOIO

A solidão institucional pode ser enfrentada através da construção deliberada de redes:

### DENTRO DA ESCOLA:

- Identificar e dialogar com outros/as docentes negros/as
- Criar grupo de estudos sobre educação antirracista (pode incluir docentes não-negros/as comprometidos/as)
- Buscar apoio de coordenação pedagógica e gestão (quando possível)
- Compartilhar materiais, práticas, desafios
- Apoiar-se mutuamente em situações de racismo

### FORA DA ESCOLA:

- Participar de fóruns, encontros, congressos sobre educação e relações étnico-raciais
- Integrar grupos virtuais de docentes negros/as (redes sociais, WhatsApp)
- Conectar-se com núcleos de estudos afro-brasileiros de universidades
- Envolver-se com coletivos negros locais
- Buscar mentorias: docentes negros/as mais experientes
- Criar redes com docentes de outras escolas do município/estado



### 3. CUIDADO DE SI: SUSTENTABILIDADE EMOCIONAL E POLÍTICA

Enfrentar o racismo institucional exige cuidado permanente para evitar adoecimento:

- Reconhecer limites: não é possível transformar tudo sozinho/a
- Celebrar pequenas vitórias: cada estudante impactado/a, cada prática realizada importa
- Documentar resistências: registrar situações de racismo para eventual responsabilização
- Buscar apoio psicológico quando necessário
- Praticar autocuidado: atividades que trazem prazer, relaxamento, bem-estar
- Estabelecer fronteiras: saber quando se afastar de situações tóxicas
- Nutrir espiritualidade (em suas diversas formas)
- Compartilhar fardos: não carregar tudo sozinho/a
- Descansar: permitir-se pausas, férias, momentos de não-militância

#### LEMBRE-SE:

O cuidado de si não é egoísmo ou despolitização. É estratégia de sustentabilidade para luta de longo prazo. Você não precisa se sacrificar completamente para ser um/a bom/boa educador/a antirracista.



## 4. TRANSFORMANDO EXPERIÊNCIA EM CONHECIMENTO

A experiência vivida de docentes negros/as constitui saber legítimo que pode e deve ser sistematizado, compartilhado, teorizado:

- Escrita de relatos de experiência para publicação (revistas, anais de eventos)
- Apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos
- Produção de materiais didáticos a partir das práticas desenvolvidas
- Criação de blogs, podcasts, canais para compartilhar práticas
- Oferta de formações para outros/as docentes
- Participação em pesquisas acadêmicas sobre educação antirracista
- Construção de repositórios coletivos de práticas
- Produção acadêmica (artigos, TCCs, dissertações, teses) sobre as próprias práticas

### VALORIZAÇÃO:

Suas experiências importam. Sua prática produz conhecimento. Você não precisa esperar validação acadêmica para reconhecer o valor do que constrói cotidianamente. Ao mesmo tempo, sistematizar e compartilhar fortalece o campo da educação antirracista.



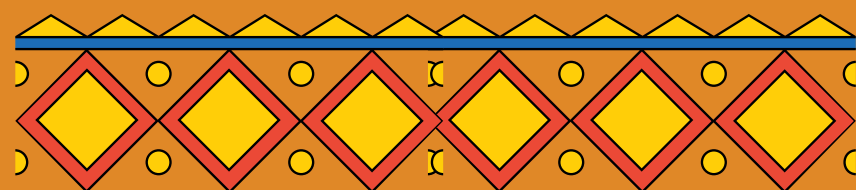


**PARA DOCENTES  
NÃO-NEGROS/AS:  
COMO APOIAR  
COLEGAS  
NEGROS/AS ?**



**Docentes brancos/as e não-negros/as têm responsabilidade fundamental no enfrentamento ao racismo institucional e no apoio a colegas negros/as:**

- Assumir corresponsabilidade pela implementação da Lei 10.639/03 (não delegar apenas a docentes negros/as)
- Formar-se sobre relações étnico-raciais: ler, estudar, buscar qualificação
- Intervir quando presenciar situações de racismo contra colegas negros/as
- Apoiar projetos e práticas antirracistas desenvolvidos por docentes negros/as
- Questionar práticas institucionais racistas (composição de equipes, distribuição de cargos, critérios de seleção)
- Não sobrecarregar colegas negros/as com demandas de "ensinar sobre racismo" gratuitamente
- Reconhecer e validar autoridade e expertise de docentes negros/as
- Usar privilégios para amplificar vozes e demandas de colegas negros/as
- Escutar mais, falar menos, aprender com experiências que você não viveu
- Não esperar gratidão ou aprovação de colegas negros/as pelo seu antirracismo





**PARA DOCENTES  
NÃO-NEGROS/AS:  
COMO APOIAR  
COLEGAS  
NEGROS/AS ?**



- Assumir corresponsabilidade pela implementação da Lei 10.639/03 (não delegar apenas a docentes negros/as)
- Formar-se sobre relações étnico-raciais: ler, estudar, buscar qualificação
- Intervir quando presenciar situações de racismo contra colegas negros/as
- Apoiar projetos e práticas antirracistas desenvolvidos por docentes negros/as
- Questionar práticas institucionais racistas (composição de equipes, distribuição de cargos, critérios de seleção)
- Não sobrecarregar colegas negros/as com demandas de "ensinar sobre racismo" gratuitamente
- Reconhecer e validar autoridade e expertise de docentes negros/as
- Usar privilégios para amplificar vozes e demandas de colegas negros/as
- Escutar mais, falar menos, aprender com experiências que você não viveu
- Não esperar gratidão ou aprovação de colegas negros/as pelo seu antirracismo

**PARA DOCENTES BRANCOS/AS:**

O antirracismo de pessoas brancas não pode ser performático ou autocentrado. Exige desconforto, desconstrução de privilégios, disposição para ouvir críticas, comprometimento real com transformação estrutural. Não se trata de ser "bonzinho/a" com colegas negros/as, mas de assumir responsabilidade política pelo racismo que também beneficia pessoas brancas.





## REFLEXÕES FINAIS SOBRE IDENTIDADE DOCENTE NEGRA



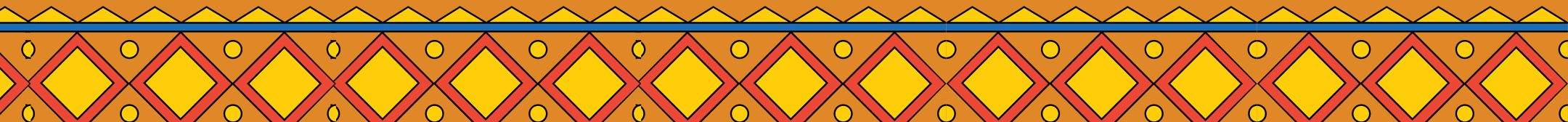
A identidade docente negra não é fardo ou limitação, mas potência. Docentes negros/as trazem para o espaço escolar experiências, saberes, sensibilidades que docentes não-negros/as não possuem. Essa diferença não deve ser romantizada (como se existisse "dom natural" para educar sobre relações raciais), mas politicamente reconhecida como conhecimento situado, produzido a partir de lugares específicos de vivência e luta. Ser docente negro/a implica, frequentemente, ser referência para estudantes negros/as que encontram em você espelho, possibilidade, futuro imaginável. Implica também ser alvo de racismo, solidão, sobrecarga. Implica escolher, cotidianamente, entre silenciar ou enfrentar, entre adaptar-se ou resistir, entre cuidar de si ou sacrificar-se.

Não há respostas prontas para esses dilemas. Cada docente negro/a constrói seu caminho, negocia suas estratégias, define seus limites. O fundamental é saber que você não está só, que sua luta importa, que suas práticas transformam vidas, que sua existência em espaços historicamente negados a pessoas negras já é, em si, ato político de resistência.

**Mensagem de encorajamento:** Enfrentar resistências não é fácil, mas é necessário. A educação antirracista exige coragem, resiliência e compromisso.

Lembre-se:

- Você não está sozinho/a - busque parcerias e apoio
- Fundamente suas ações nas leis vigentes; Documente tudo o que fizer
- Cuide da sua saúde mental e emocional; Celebre cada pequena vitória
- Persistir é um ato revolucionário; Sua prática transforma vidas



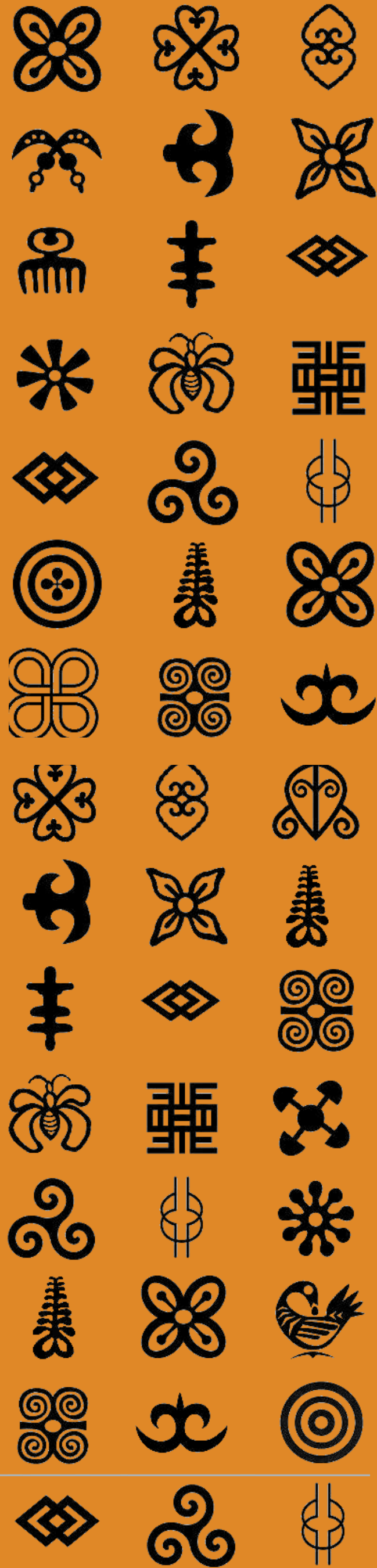
# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este caderno apresentou fundamentos teóricos e caminhos práticos para educação antirracista. Teoria e prática são inseparáveis: os conceitos fundamentam as ações; as ações materializam os conceitos. Cada seção articulou problematização crítica com proposições concretas, reconhecendo que transformação educacional exige tanto rigor intelectual quanto criatividade pedagógica.

Os eixos temáticos e proposições pedagógicas aqui apresentados constituem repertório a ser criticamente apropriado e contextualmente situado. Cada escola, cada turma, cada território apresenta especificidades que exigem adaptações..

A educação antirracista não se faz sozinha. Demanda parcerias, redes, cuidado coletivo. Celebre pequenas vitórias. Cuide de si e de seus/suas estudantes.

**PERSISTIR É REVOLUCIONÁRIO.**



# CRÉDITOS

Capa: Edwyn Gomes

Artes EGBE (Mostra de Cinema Negro):

Edwyn Gomes

Execução geral e construção estética:

Tauanderson Silva

Material pedagógico desenvolvido por:

Maria Eliane Dantas dos Santos

Orientadora: Mariana Bracks Fonseca

A construção visual do projeto foi desenvolvida pelo historiador Tauanderson Silva, com base nas paletas cromáticas, nos símbolos Adinkra e em elementos estéticos vinculados à cultura africana e identidade afro-brasileira, fundamentando-se na dissertação da mestranda Maria Eliane Dantas dos Santos.



## REFERÊNCIAS E LEITURAS RECOMENDADAS

### 8.1 Legislação

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira".

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana.

Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

### 8.2 Livros fundamentais sobre educação antirracista

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

GOMES, Nilma Lino. O movimento educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

LOPES, Edite Nascimento. A valorização do ensino da história afro-brasileira e africana na prática pedagógica de professores/as em escolas públicas. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

MELLO, Janaina Cardoso de; FONSECA, Mariana Bracks. (orgs.). Educação antirracista em movimento: práticas, culturas e reflexões. Belém: RFB, 2024.

### **8.3 Literatura infantil e juvenil afro-brasileira**

ARRAES, Jarid. Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis. São Paulo: Polén, 2017.

FONSECA, Mariana Bracks. Poderosas rainhas africanas. Belo Horizonte: Ancestre, 2021.

GAIVOTA, Gustavo. Chico Juba. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

hooks, bell. Meu crespô é de rainha. São Paulo: Boitatá, 2018.

OLIVEIRA, Kiusam de. O mundo no Black Power de Tayó. São Paulo: Peirópolis, 2013.

### **8.4 Cinema negro**

SOUZA, Edileuza Penha de (org.). Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

Curtas-metragens: Cabelo Bom (2017), Kbelá (2015)

Longas-metragens: Cafundó (2005), Madame Satã (2002), Besouro (2009), Pantera Negra (2018)

### **8.5. Entrevistas realizadas:**

FUNSECOM - APERIPE TV. Instituição de Divina Pastora introduz cultura afro-brasileira através de ações com a cultura local. YouTube, 13 abr. 2023.

Disponível em: <https://youtu.be/0YT62KHEVP0>.

BROTA, Morgana. Exibições itinerantes marcam segundo semestre da Egbé Mostra de Cinema Negro. EGBÉ Mostra de Cinema Negro, 5 nov. 2024.



MONTEIRO, Débora. Educação antirracista e decolonial: no chão da escola. São Paulo: Dialética, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

TOLENTINO, Luana. Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

### **8.6 Epistemologias negras**

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.


NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RUFINO, Luiz. Vence-demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021

### **8.7 Identidade, estética e corpo negro**

BRAGA, Amanda. História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.





**Este caderno formativo foi elaborado como recurso educacional de apoio à formação contiuada de educadores/as comprometidos/as com práticas pedagógicas antirracistas.**

**2026**

